

Narrativa, tempo e memória: subjetividades sobre vacina e seus efeitos políticos na saúde

Wilson Couto Borges*

Vânia Coutinho Quintanilha Borges**

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Resumo

Narrativas são produzidas, postas em circulação e servem de referências para que atores sociais deem sentidos às suas ações. A partir desse circuito comunicacional e da forma como a chamada mídia comercial constrói seus enunciados, tem nos interessado observar como vem sendo construídos os sentidos sobre a vacina e a vacinação, compulsória ou não, que circularam durante a pandemia de covid-19 nos jornais *Correio Braziliense*, *O Globo* e *O Estado de São Paulo* e o quanto tais sentidos estão imersos – e em que medida podem ser assim compreendidos – num campo de disputas. Compreendido tal processo desde o campo da Comunicação e Saúde, torna-se possível identificar traços, pistas, sinais de um complexo jogo que se estabelece em torno da forma como o direito à saúde pode ser exercido. Com essas estratégias narrativas, entrelaçadas com o tempo e com a memória, configuram-se formas de ação no mundo cujas marcas se mostram muito longevas. Ao nos servimos do paradigma estético-expressivo na identificação de tais características, torna-se possível compreender que recorrer a determinado imunizante em detrimento de outros é menos que uma simples escolha individual. Antes, um efeito da forma como a saúde e, principalmente, o Sistema Único de Saúde brasileiro vem sendo apresentado há quase quatro décadas.

Palavras-chave: política; narrativas; comunicação; subjetividade; covid-19.

Narrativa, tiempo y memoria: subjetividades sobre la vacuna y sus efectos políticos en la salud

Resumen

Las narrativas son producidas, puestas en circulación y sirven de referencia a los actores sociales para dar sentido a sus acciones. A partir de este circuito de comunicación y de la forma en que los llamados medios comerciales construyen sus enunciados, nos ha interesado observar cómo se han construido los significados sobre la vacuna y la vacunación, obligatoria o no, que han circulado durante la pandemia del covid-19 en los periódicos *Correio Braziliense*, *O Globo* y *O Estado de São Paulo* y en qué medida estos significados están inmersos -y hasta qué punto pueden entenderse así- en un campo de disputas. Una vez comprendido este proceso desde la perspectiva de Comunicación y Salud, se hace posible identificar rastros, pistas, señales de un complejo juego que se establece en torno a cómo puede ejercerse el derecho a la salud. Estas estrategias narrativas, entrelazadas con el tiempo y la memoria, configuran formas de acción en el mundo cuyas marcas

* Doutor em Comunicação, Mestre em Ciência Política e Especialista em História do Brasil, todos pela Universidade Federal Fluminense. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Informação, Comunicação e Saúde do Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde/Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: wcborges1@yahoo.com.br.

<http://lattes.cnpq.br/9564907740432251>. <https://orcid.org/0000-0002-2785-3658>

** Psicóloga. Doutoranda em Comunicação e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. E-mail: vaniacqborges@gmail.com.

<http://lattes.cnpq.br/1701235760629188>. <https://orcid.org/0000-0002-0944-528X>

Recebido em 22 de junho e aprovado para publicação em 21 de julho de 2024.



son muy duraderas. Al utilizar el paradigma estético-expresivo para identificar esas características, es posible comprender que recurrir a un determinado inmunizante en detrimento de otros no es una simple elección individual. Más bien, es un efecto de la forma en que la salud, y especialmente el Sistema Único de Salud brasileño, se ha presentado durante casi cuatro décadas.

Palabras clave: política; narrativas; comunicación; subjetividad; covid-19.

Narrative, time and memory: subjectivities about the vaccine and its political effects on health

Abstract

Narratives are produced, put into circulation and serve as references for social actors to give meaning to their actions. Based on this communication circuit and the way the so-called commercial media constructs its statements, we have been interested in observing how the meanings about the vaccine and vaccination, compulsory or not, that have circulated during the covid-19 pandemic in the newspapers *Correio Braziliense*, *O Globo* and *O Estado de São Paulo* have been constructed and how much these meanings are immersed - and to what extent they can be understood - in a field of disputes. Understanding this process from the perspective of the field of Communication and Health, it becomes possible to identify traces, clues, signs of a complex game that is established around the way in which the right to health can be exercised. These narrative strategies, intertwined with time and memory, configure forms of action in the world whose marks are very long-lasting. By using the aesthetic-expressive paradigm to identify these characteristics, it becomes possible to understand that resorting to a certain immunizer over others is less than a simple individual choice. Rather, it is an effect of the way in which health, and especially the Brazilian Unified Health System, has been presented for almost four decades.

Keywords: politics; narratives; communication; subjectivity; covid-19.

Récit, temps et mémoire : subjectivités sur le vaccin et ses effets politiques sur la santé

Résumé

Les récits sont produits, mis en circulation et servent de référence aux acteurs sociaux pour donner du sens à leurs actions. A partir de ce circuit de communication et de la manière dont les médias dits commerciaux construisent leurs énoncés, nous nous sommes intéressés à observer comment se sont construites les significations sur le vaccin et la vaccination, obligatoire ou non, qui ont circulé pendant la pandémie du covid-19 dans les journaux *Correio Braziliense*, *O Globo* et *O Estado de São Paulo* et dans quelle mesure ces significations sont immergées - et dans quelle mesure elles peuvent être comprises de cette manière - dans un champ de contestations. Une fois ce processus compris du point de vue de la communication et de la santé, il devient possible d'identifier des traces, des indices, des signes d'un jeu complexe qui s'établit autour de la manière dont le droit à la santé peut être exercé. Ces stratégies narratives, entrelacées avec le temps et la mémoire, configurent des formes d'action dans le monde dont les marques sont très durables. En utilisant le paradigme esthétique-expressif pour identifier ces caractéristiques, il devient possible de comprendre que le recours à un vaccin plutôt qu'à un autre est moins qu'un simple choix individuel. Il s'agit plutôt d'un effet de la manière dont la santé, et en particulier le système de santé unifié brésilien, a été présentée pendant près de quatre décennies.

Mots-clés : politique ; récits ; communication ; subjectivité ; covid-19.

叙事、时间和记忆：疫苗的主观性及其对健康议题的政治影响

摘要

传媒学认为，叙事被制作、传播并为社会行动者提供参考，赋予他们的行为以意义。基于这种理解，作者观察了新冠疫情(Covid-19)大流行期间(2020-2023)，巴西商业媒体构建其公共卫生的话语的方式，特别是有关疫苗和疫苗接种，有关强制性接种或非强制性接种的争论和报道的方式。作者研究的报纸有：《巴西利亚邮报》(*Correio Brasiliense*)、《环球报》(*O Globo*)和《圣保罗州报》(*O Estado de São Paulo*)。这些媒体制作了大量的有关疫情和疫苗的报道，从这些报道中，作者分析了媒体与健康领域的复杂关系，以及媒体如何诠释疫情条件下，个人的权力与公众的健康权之间的矛盾与统一。通过分析媒体制作的那些时间和记忆交织在一起的

叙事，本文揭示了疫情下，新的社会行动的范式是如何产生的，它的影响力的持久性。由此，作者认为，某种免疫剂而不是其它免疫剂被优先采用，这并不是简单的个人选择，相反，它是近四十年来巴西政府的运作方式的结果。这种运作方式直接影响到巴西统一卫生系统(SUS-Sistema Único de Saúde)的抗疫效率。

关键词：叙事；沟通；主观性；疫苗；新冠肺炎

Narrative, Zeit und Erinnerung: Subjektivitäten über den Impfstoff und seine politischen Auswirkungen auf die Gesundheit

Zusammenfassung

Narrative werden produziert, in Umlauf gebracht und dienen sozialen Akteuren als Referenz, um ihren Handlungen einen Sinn zu geben. Ausgehend von diesem Kommunikationskreislauf und der Art und Weise, wie die so genannten kommerziellen Medien ihre Aussagen konstruieren, haben wir uns dafür interessiert, zu beobachten, wie die Bedeutungen über den Impfstoff und die Impfung, ob obligatorisch oder nicht, die während der Covid-19-Pandemie in den Zeitungen *Correio Braziliense*, *O Globo* und *O Estado de São Paulo* zirkulierten, konstruiert wurden und wie sehr diese Bedeutungen in ein Feld von Auseinandersetzungen eingetaucht sind - und inwieweit sie auf diese Weise verstanden werden können. Wenn man diesen Prozess aus der Perspektive von Kommunikation und Gesundheit versteht, wird es möglich, Spuren, Hinweise und Zeichen eines komplexen Spiels zu erkennen, das sich um die Frage dreht, wie das Recht auf Gesundheit ausgeübt werden kann. Diese narrativen Strategien, die mit der Zeit und dem Gedächtnis verwoben sind, konfigurieren Formen des Handelns in der Welt, deren Spuren sehr langlebig sind. Wenn man das ästhetisch-expressive Paradigma anwendet, um diese Merkmale zu identifizieren, wird es möglich zu verstehen, dass der Rückgriff auf ein bestimmtes Impfmittel gegenüber anderen weniger eine einfache individuelle Wahl ist. Es handelt sich vielmehr um eine Auswirkung der Art und Weise, wie die Gesundheit und insbesondere das brasilianische einheitliche Gesundheitssystem seit fast vier Jahrzehnten präsentiert wird.

Stichworte: Narrative; Kommunikation; Subjektivität; Impfstoff; Covid-19.

Apresentando nossos primeiros passos

“Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” (Ditado lorubá)

“O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (Ricoeur, 1994, p. 15).

Embora nossa etapa de coleta de dados já estivesse concluída e o início de produção do presente trabalho, em curso, no último 18 de junho, num seminário organizado pelo Laboratório Cidade e Poder, da Universidade Federal Fluminense (LCP/UFF), tivemos oportunidade de ver refletida a importância de alguns dos elementos que estaremos explorando nas próximas linhas. Naquela oportunidade, a pesquisadora Bruna Guimarães enunciava: *“os panfletos foram fundamentais para a propagação de ideias que culminaram na Revolução do Porto”*.¹ Num só movimento, tal sentença “encurtava” uma distância histórica de pouco mais de 200 anos, haja vista a presença cada vez mais efetiva da narrativa como um componente político em nosso tempo e em nossa sociedade. Entretanto,

¹ Palestra “Temas, fontes e inovações epistemológicas nos estudos sobre as relações entre História & Direito: ‘pensar com a História’ e ‘pensar com o Direito’”. Seminário de Pesquisa LCP/UFF, 18 de junho de 2024.

como a própria expositora nos anunciou, face o grande número de fontes documentais e históricas com que trabalhou, tais panfletos “*não chegaram a ser analisados, mas um rico trabalho emergeria daí, na medida em que foram fundamentais para uma estratégia que foi mais alicerçada numa retórica do que necessariamente numa verdade*”.

A fala da pesquisadora põe em cena alguns elementos que, nessa etapa introdutória, cumpre-nos destacar. O primeiro deles, por mais evidente que tenha ficado no parágrafo anterior, é a compreensão do lugar da comunicação, não apenas como suporte, agência ou fonte histórica, mas como um campo cuja conformação e escolhas são reveladoras de uma forma de participar da vida social com interesses diretos. Nesses termos, quando optamos por partir de construções elaboradas pelos meios de comunicação, o fazemos exatamente compreendendo-as como espaço por onde circulam narrativas, mas onde as mesmas são produzidas com objetivos políticos que buscamos colocar em evidência. Dessa forma, sejam os panfletos do século XIX (concebendo-os associados à ambiência da Revolução do Porto) sejam os jornais dos séculos XX ou XXI, os meios para comunicação com as massas precisam ser tomados como partícipes, isto é, como atores da vida social em qualquer momento histórico. Para nós, esse é o movimento que nos permite observar a produção e circulação de informações sobre a pandemia de covid-19 num “instante histórico” para, na sequência, mergulhá-la numa conjuntura e, na sequência, numa estrutura.

Partindo dessas considerações, podemos afirmar que vivemos recentemente uma das maiores emergências sanitárias do século XXI, cujos efeitos atingiram todo o mundo. O ano era 2020 e nos vimos diante do desconhecido e letal SARS-CoV-2, vírus causador da covid-19. Diante de tal emergência, houve uma grande mobilização da Ciência que buscou compreender a doença e encontrar medidas protetivas para a população. Diante do muito que já se discutiu sobre a imunização relacionada à covid-19, observamos que a vacina apareceu nos discursos da Ciência e de grande parte da mídia como a única solução possível para uma retomada da vida “normal”. Nesse processo, de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), chegamos a ter seis vacinas aprovadas para uso no Brasil: Cominarty (Pfizer/Wyeth), Cominarty bivalente (Pfizer), Coronavac (Butantan), Janssen Vaccine (Janssen-Cilag), Oxford/Covishield (Fiocruz e AstraZeneca) e Spikevax bivalente (Moderna).² Ou, a Pfizer, a vacina chinesa, a Janssen, a AstraZeneca e, a mais recente, a bivalente, como eram respectivamente nomeadas pela imprensa.

Note-se, no entanto, que a opção por identificá-las dessa forma, esconde, por exemplo, o fato de que tanto a vacina da Pfizer (sem a Wyeth) quanto da Moderna eram

² Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Vacinas – COVID-19. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/assuntos/paf/coronavirus/vacinas>. Acesso em 10 de julho de 2023.

bivalentes. Paralelamente, e numa fase ainda anterior à chegada das seis marcas autorizadas pela Anvisa, observamos que, subrepticiamente, a designação “vacina chinesa” a insere num universo de disputas cujo antagonismo “da norte-america Pfizer” e “da chinesa” torna-se revelador de uma conjuntura em que, com o fim da Guerra Fria, uma nova disputa pela hegemonia política internacional estabeleça uma oposição entre Estados Unidos e China. Nesses termos, a anatomia do instante (a chegada e uso de determinada vacina) não está apartada de uma conjuntura histórica cuja fantasia estadunidense de superpotência pode se ver abalada pelo crescimento da segunda. Seria o aumento das produções cinematográficas hollywoodianas que, pelo menos nas duas últimas décadas, apresentam o país asiático como o grande inimigo uma mera coincidência? Ou ainda o estabelecimento de grandes conglomerados de comunicação massiva no Brasil, como a CNN, que pertence ao grupo Warner Bros., uma “simples estratégia” de expansão de mercados? Nossa percepção é a relação entre vacina e geopolítica é central para a presente construção.

Embora as vacinas sejam reconhecidamente um dos grandes trunfos da saúde pública para prevenção e contenção de doenças imunopreveníveis – com exceção da água potável, nenhuma outra medida impactou tanto na diminuição da morbimortalidade – há algum tempo a Organização Mundial da Saúde (OMS) tem demonstrado preocupação com a queda na cobertura vacinal em todo o mundo. Ao divulgar, em 2019,³ uma lista das 10 grandes ameaças à saúde, apontou que a resistência à vacina era um dos problemas que mais poderia causar vítimas. Mesmo com os dados de mapeamentos divulgados pela OMS, que indicam que a vacinação é responsável por evitar até três milhões de mortes por ano, sendo assim o modo mais eficiente de prevenção, parece haver um número crescente de pessoas que têm recusado as vacinas. Considerando que a proteção da vacina tem sua eficácia ampliada quanto maior o número de pessoas vacinadas – esse é o princípio do efeito rebanho ou imunidade de grupo – compreende-se a relevância da vacinação infantil pois crianças, quando não vacinadas, tornam-se um grupo de risco para contrair diversas doenças. Ora, se já chegamos a erradicar a poliomielite no Brasil em 1989,⁴ por que nesse momento há tanta dúvida em imunizar as crianças? Nossa hipótese é que não estaria na forma como a ciência produz ou qualifica a vacina, mas sim na maneira como determinadas narrativas sobre o imunizante têm sido elaboradas e postas

³ Dez ameaças à saúde que a OMS combaterá em 2019. OPAS Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/17-1-2019-dez-ameacas-saude-que-oms-combatera-em-2019>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

⁴ Há 34 anos, último caso de poliomielite foi registrado no Brasil. Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/ha-34-anos-ultimo-caso-de-poliomielite-foi-registrado-no-brasil>. Acesso em: 10 de junho de 2024.

em circulação, que produzem, como uma das suas consequências, dúvidas sobre a necessidade ou importância da vacinação.

Assim, como interesse de pesquisa mais amplo, buscamos compreender o lugar da vacina e da Ciência no discurso midiático num quadro em que estas sofrem constantes ataques. Ao concentrarmos nosso olhar sobre tais formas de produção e circulação, propomos que estas podem ser entendidas a partir da percepção de que, para além de todas suas outras atribuições, a mídia pode ser compreendida “como um novo sujeito – quando percebemos que essa nova instância produz e configura um discurso próprio, e um lugar de fala possante e poderoso” (França, 2012, p. 11). Na presente reflexão, nosso principal objetivo é pôr em diálogo algumas propostas de reflexão e ideias, especialmente aquelas relacionadas ao tempo, memória e narrativa, que possam contribuir para a compreensão de um fenômeno que, sobretudo a partir de 2016, vem interferindo decisivamente na forma como a população se comporta diante dos chamamentos do Ministério da Saúde a uma adesão às campanhas de imunização.

Faz parte do senso comum a percepção de que um acontecimento é algo que acontece conosco ou no nosso entorno. Sendo assim, acreditamos ser plausível uma compreensão de que a pandemia de covid-19 se insere num quadro que pode ser classificado como um acontecimento. Porém, para além do senso comum, França (2012) nos mostra que problematizar a palavra e o conceito pode nos ensinar muito, especialmente quando relacionado ao campo da Comunicação. Segundo ela, o jornalismo é construído a partir dos acontecimentos e cabe a ele “farejá-los, identificá-los, e então narrar” (França, 2012, p. 12). Assim, o jornalismo toma para si a tarefa de definir o que é ou não relevante, criando uma hierarquia dos fatos a partir do que ele tem de interessante, impactante ou abrangente, sendo então essas as características dos fatos noticiáveis. Com essas perspectivas, é interessante observar o quanto, recuperando as sentenças anunciadas por Bruna Guimarães, panfletos e jornais, cada qual no seu tempo, são atores centrais na construção e propagação de ideias, reforçando a premissa de que a incorporação de novas não eliminam, antes incorporam, práticas de produção e leituras anteriores.

Ampliando a discussão, França (2012) destaca uma perspectiva mais radical ao defender que quando se transforma esses fatos em narrativas, em informação jornalística, o fato alcança o status de acontecimento, como se o que ocorresse fora da mídia não existisse. Portanto, podemos afirmar que, para além de ser algo que tocou a todos nós, a pandemia de covid-19 caracteriza-se também como um duplo e sobreposto acontecimento: porque midiático e afeta a percepção de um número muito mais amplo de pessoas. Nesses termos, podemos também compreender as construções narrativas sobre a covid-19 não

apenas como um acontecimento, mas como processo que também contém uma historicidade. Assim sendo, falar de panfletos, folhetins, jornais sem levar em conta as suas condições concretas de emergência e vigência, resulta em reducionismos e anacronismos que comprometem o lugar e a especificidade de onde tais suportes se comunicam com a sociedade de cada época.

Crítica do modo como o termo historicidade vem sendo utilizado nos estudos de Comunicação – que apresenta certa confusão de usos, como se simplesmente incluir conceitos da história como contexto, tempo e espaço aos estudos de comunicação no tempo presente lhes assegurasse o estatuto de historicidade –, Barbosa (2023, p. 151) adverte que falar em “historicidade é, antes de tudo, se referir à condição histórica intransponível do ser, ao modo histórico da existência, possibilidade intrínseca à condição humana”. Tomando Heidegger por referência, para quem a historicidade e a existência do ser-no-mundo estão sempre em relação, Barbosa e Rêgo (2017) defendem que o acontecimento histórico tem relação direta e inseparável com o acontecer do ser-no-mundo, ou seja, há um uníssono entre a historicidade do ser e a historicidade do mundo. Para além disso, Barbosa (2023) sustenta que será no tempo da vida, tempo em que são produzidos os sentidos e os significados, que a historicidade irá aflorar.

Observando que as críticas funcionam como um ajuste de lentes na relação comunicação-historicidades, percebemos que Barbosa (2023) defende sua inclusão nos estudos de Comunicação. Nessa direção, Barbosa e Rego (2017) argumentam que o contexto faz parte da essência da história, que é nele onde estão inscritos os acontecimentos, permitindo assim que eles conquistem seu lugar na história. Será no contexto que as forças que deram origem ao acontecimento eclodirão, mas somente a narrativa que delas se faz que terá o poder de dar forma a cena histórica. Assim, a covid-19 é um acontecimento, no senso comum, porque afeta indistintamente a todos, um acontecimento midiático, porque definido e narrado como relevante, tendo, em si, uma historicidade que a caracteriza, encontrando nas narrativas sobre vacina e vacinação o ponto de inflexão.

Meios de comunicação: entre o que narram e como interpelam

Borges (2022), ao discutir a relação entre informação, comunicação e saúde a partir do paradigma estético-expressivo, chama atenção para a falsa oposição entre razão e emoção e conclui que as narrativas estruturam não só o modo como os sujeitos percebem o mundo, mas também as suas ações sobre ele. Especificamente sobre a relação entre narrativa midiática e saúde, a perspectiva do autor, que retomamos no presente artigo, é

de que a narrativa da mídia busca interpelar os sujeitos com o objetivo de engendrar um saber/conhecer que gere um ambiente propício para que práticas e dispositivos comunicacionais possam ser introjetados pela sociedade e passem a afetar o modo como ela se relaciona com a saúde (Borges, 2022). O acontecimento midiático, narrativamente construído, como o compreendemos, é um dispositivo de interpelação. Recorramos à matéria publicada por *O Globo*, na seção *Saúde*, cujo título é “[Maioria é contra pedido médico para vacinar crianças](#)”, tendo em seu subtítulo “Em audiência pública realizada pelo Ministério da Saúde, participantes também se mostraram críticos à imunização obrigatória”.

A tomada de posição do jornal e, por consequência, a forma como a informação é por ele produzida e posta em circulação, já se manifesta na escolha de título e subtítulo, uma vez que sugere que mais da metade da população apoiava a perspectiva de que não era necessária receita para que as crianças de 5 a 11 anos se vacinassem (o que, de certa forma, valorizaria ainda mais a ordem médica dentro do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro), mas que essa mesma imunização não deveria ser obrigatória – uma leitura rápida, que absorvesse apenas os caracteres que convidam à leitura, não teria acesso a outros elementos contidos na reportagem. No corpo do texto onde está contida a narrativa mais detalhada sobre o processo, o periódico relata que “99,3 mil pessoas participaram da audiência pública e se posicionou contra a exigência de prescrição médica para imunização de crianças contra o coronavírus”. É muito interessante observar o quanto consulta pública e audiência pública comparecem na narrativa sugerindo se tratar do mesmo dispositivo, afinal, no caso do primeiro, foi feita através da internet com menos de 0,8% da população adulta do país, no mês anterior ao da publicação da matéria, enquanto o segundo, com “especialistas e entidades do setor”, reuniu o número infinitamente menor de participantes. Nesse sentido, o veículo convida o leitor a aderir à posição oferecida através das suas páginas, ou seja, que imunize seu/sua filho/filha.

Além da já citada característica de produzir uma interferência no modo como os sujeitos atribuem sentido ao mundo, destacamos outras particularidades da narrativa apresentadas no texto: sua pluralidade na circulação – ela atravessa várias mídias e circula em vários meios; tem a verossimilhança num lugar central; organiza tempo e espaço, o que redonda numa atualização do passado, no tempo presente, que gera expectativa de futuro e tem a presença da homologia e da homofonia como marcas que se apresentam ao longo do tempo (Borges, 2022). Tais movimentos parecem se precipitar na medida em que a capacidade de alcance do conjunto das informações apontadas no parágrafo anterior não é dirigida apenas ao leitor do “jornal de papel”, mas somam-se aqueles que consumiram a versão digital no site do veículo, bem como aquelas presentes nas redes sociais de *O*

Globo; que estabelecem uma homologia entre as dois dispositivos orientados pela designação “pública”; assim como atualiza o passado (tanto o mais longo, quando reatualiza o que representou a vacinação obrigatória durante o evento que ficou conhecido como a Revolta da Vacina [que, aliás, esteve presente em vários discursos do ex-presidente], quanto alguns mais recentes, como os que ainda circulam a partir dos debates sobre internação compulsória, na última década).

A potencialidade da circulação, nesse contexto de multiplicação pelos canais desde onde os meios de comunicação difundem suas ideias e perspectivas, passa a requerer de nós um grau de atenção ainda maior no que toca as variadas formas, estratégias e canais através dos quais a grande mídia nos interpela a todos. Claro, devemos também enunciar que não se trata de um movimento mecânico onde, a partir da oferta de conteúdos, a população adere à proposta apresentada. Ainda que não exploremos aqui mais detalhadamente, uma das maneiras de compreender algumas marcas desse chamamento, dessa sedução, podem ser capturada exatamente através do renovado esforço desses conglomerados de interpelar os sujeitos sociais. Esse não é um movimento que se passa apenas no Brasil. Nesses termos, e olhando para a América Latina, Carlón (2022) problematiza o fato de que a digitalização, além de afetar os modos de produção de significado, também alterou o modo como ocorre a circulação deles. E, por extensão, acrescentamos, das formas de apropriação a eles. Para esse autor, os sentidos circulam, porém nunca o fazem de forma linear, mas através de desnivelamentos. As novas formas de circulação de sentido afetam as práticas sociais de forma radical, pois “contaminam” tanto as práticas midiáticas quanto as não midiáticas. Sendo facilitadas pelos novos sistemas midiáticos, tais formas de circulação são reconfiguradas pelo sistema, assim como reconfiguraram o modo como os sentidos circulam, e em diversos níveis.

Em sua proposta de investigar as narrativas, que são constituídas de sentimentos, emoções, sensações e que atuam diretamente sobre as ações políticas dos sujeitos, num diálogo direto com a perspectiva de que o que narrado está conectado às condições de existência, sejam elas política, econômica, social ou cultural dos sujeitos, temos trabalhado com a compreensão de como as narrativas são estruturadas e quais seus possíveis efeitos no indivíduo (Borges, 2022). Ao observar um dado momento histórico, como a pandemia de covid-19 e a vacina como resposta a ela – uma resposta que não pode ou não deve deixar de fora crianças de 5 a 11 anos – devemos reconhecê-lo a partir de suas condições concretas de existência, ou seja, de sua historicidade, entendendo que a ideologia será parte dessas condições e que ela se manifestará na tentativa de fixar uma dada narrativa como verdadeira, ocultando que ela é, numa perspectiva foucaultiana, uma verdade

relativa. Nossa compreensão, a partir dessa pegada, é a de que, imersa na ação de construir narrativas, tanto narrador quanto receptor estão imersos em ideologias, memórias e valores, e ambos têm uma intencionalidade de produzir sentidos. Assim, a narrativa não deve ser encarada como algo ingênuo ou desprezioso, mas como um dispositivo argumentativo repleto de significados.

Recorramos a outro texto, este presente no jornal *Correio Braziliense*, cujas estratégias de difusão se assemelham às de *O Globo*, mas que se diferencia por convocar leitores a participarem do “Grupo de *WhatsApp*” criado pelo veículo. Com o título “[Em consulta pública, maioria diz não à exigência de receita para vacina](#)”, e subtítulo “Quase 100 mil pessoas que participaram do debate aberto pelo Ministério da Saúde rejeitaram a necessidade da prescrição médica para imunizar crianças entre 5 e 11 anos. Na audiência promovida pela pasta, especialistas defenderam doses”, o periódico se alinha com seu concorrente ao estabelecer uma homologia entre consulta e audiência pública, mas se diferencia ao dar espaço em suas páginas para o “Sucesso do SUS”, que, nas palavras da representante da Opas [Organização Pan-Americana de Saúde], Socorro Gross, “salvou vidas contra a covid-19 no Brasil, ‘porque é universal, gratuito e integral’”, e para a crítica à consulta realizada pelo Ministério da Saúde, feita pela representante da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), Isabela Ballalai, afirmando: “o que nós necessitamos é saber o que a população precisa, e não o que a população entende, já que não tem os subsídios científicos para responder às perguntas”. Ou seja, ainda que a reportagem incorpore a noção de que há a necessidade de se “continuar na construção coerente de uma política pública de vacinação que inclua todas essas crianças”, ela não deve ser feita numa consulta pública, onde as pessoas, pela perspectiva apresentada, não têm elementos que subsidiem suas escolhas. Para esse fim, as audiências seriam os espaços, uma vez que nas audiências, especialistas em saúde, autoridades e entidades se manifestam na construção da política pública.

Cabe também destacar que a apropriação do conteúdo narrado não se dá livremente, o receptor não é totalmente livre para apoderar-se dos conteúdos, há aqui uma relação com a cultura que limita essa ação. Um outro aspecto relevante, e que Borges (2022) considera essencial para a realização de um trabalho de análise das narrativas, é o imperativo de um compromisso ético com interpretações válidas e não descritivas e que essas sejam promotoras da desconstrução e transformação do que ele chama de práticas injustas, com a perspectiva de formar um terreno fértil para a pesquisa em Comunicação e Saúde. É com esse pressuposto que, quando se “esvazia” os lugares de mais possibilidade de participação da população, estabelece-se um tipo de limite à cidadania, ferindo, inclusive princípios do SUS.

Já exploramos aqui que as narrativas estão em disputa, que elas estão imersas em lutas por fixação de sentidos. Mas, para além disso, gostaríamos de ressaltar a importância de observarmos sempre quem narra e a partir de que lugar (inclusive institucional) o faz, como já destacamos com *O Globo* e o *Correio Braziliense*. No caso de um enunciado jornalístico, que é sobretudo ideológico, carregado de interesses particulares, visões de mundo do enunciadador, interesses corporativos, prefigurado com o passado, a perspectiva deve ser ampliada. Nesses termos, Machado (2020) chama nossa atenção para o fato de que existem “valores, crenças, opiniões, que acabam sendo transpostos nas narrativas construídas pelos jornais, mesmo que muitas vezes discretamente” (Machado, 2020, p. 152). Daí a importância de se observar também que, por ser uma prática social que constrói a realidade, a análise da narrativa deve ser percebida como um modo de análise de discurso.

Pensar as construções narrativas da mídia em torno da pandemia de covid-19 e da imunização requer do analista observar o tempo presente considerando o que se atualizou do passado (como, por exemplo, a resistência a imunização presente na Revolta da Vacina), a relevância da imunização que se apagou com seu sucesso (e que resultou na redução, em alguns casos a zero, da incidência das doenças imunopreveníveis), as condições sociais, políticas e econômicas, e toda uma expectativa de futuro gerada pelo anseio a uma “volta ao normal” *versus* “reações adversas” da vacina. Ao estabelecer sua perspectiva de narrativa histórica, Ricoeur (1994, p. 15) afirma que a narrativa será significativa “na medida em que esboça os traços da experiência temporal”. Portanto, a importância do modo como se dá a relação tempo e narrativa reverbera num fluxo de atualização do passado e reconfiguração de um futuro.

Na proposta de método de análise de narrativa que temos utilizado (Borges, 2022), incorporamos a indicação freudiana de interpretação baseada em dados residuais que, a princípio, podem parecer insignificantes, mas que guardam relação com a própria manifestação do inconsciente, constrói-se a ligação com a imaginação. Como destaca Borges (2022, p. 401-402),

o investimento da memória é um investimento no imaginário, pela fixação de significantes associados a determinados significados, como observa-se também em São Tomás de Aquino, também explorado por Paul Ricoeur. Assim sendo, a memória é um trabalho dos sentidos. Tanto a memória quanto a imaginação procedem das imagens passadas evocadas no presente.

Recorramos a outro exemplo, desta vez presente no jornal *O Estado de São Paulo*. Nele, o *Estadão* (nome pelo qual também é identificado pelos leitores) traz para dentro de suas páginas, não apenas determinada compreensão do processo de imunização de crianças entre 5 e 11 anos, mas sua tomada de posição pública, funcionando menos como

agência e mais como agente político. Quando anuncia no título “Audiência reúne defensores da vacina e negacionistas”, o veículo toma para si a construção narrativa de que, se opor à vacina, é se opor à Ciência, qualificando a parte dos “especialistas” que concordam com essa perspectiva como negacionistas. Paralelamente, nomeou a audiência pública como enquete – uma alusão à forma como o ex-presidente se referia às consultas públicas, propostas por ele nas redes sociais digitais, para aferir “o que as pessoas achavam” de determinado tema.

Note-se que, a partir da forma como cada suporte escolhe a direção que deseja dar com a narrativa construída, torna-se mais visível a compreensão de que o que é colocado em evidência põe numa situação de invisibilidade o que não está em destaque e isso é fundamental para percebermos como funcionam narrativa e memória – propositalmente, recorreremos, dentro do nosso corpus, à cobertura da chamada audiência pública na perspectiva de *O Globo*, *Correio Braziliense* e o *Estadão*; a escolha por nomear ou não identificar determinados grupos como negacionistas representa uma tomada de posição, que pode significar dar visibilidade ou tentar relegar à invisibilidade a personagens contrários à vacinação. Machado (2020), ao analisar as narrativas jornalísticas, chama atenção para o fato de que, quando se escolhe narrar/noticiar uma dada situação tantas outras são silenciadas, produzindo-se então um apagamento.

Um paradigma de análise das narrativas e seus entrelaçamentos

Ainda que já tenhamos começado a enunciar na seção anterior, cremos se revelar oportuno apontar as bases do que identificamos como o paradigma estético expressivo, para, na sequência, refletir sobre sua aplicabilidade na análise das narrativas, com seus entrelaçamentos com as dimensões do tempo e da memória. Foi a partir de Carlo Ginzburg (1989), historiador italiano, que dados marginais, pormenores negligenciáveis passaram a emergir como pistas, sinais, vestígios de processos históricos mais amplos e mais complexos, cujas raízes tenderiam a estar mais distantes no tempo, sendo a memória um elemento significativo nesse processo. Paralelamente, temos nos apropriado deste autor não apenas pelo que propõe de observação dos detalhes, mas a partir de uma equivalência que geramos entre o artista-pintor (ponto de partida para a construção do seu método) e o artista-jornalista, compreendendo que sua criação se revelaria na obra jornalística. Uma evidência desse processo pode ser percebida através da forma como se nomeia opositores à vacina: “a população não entende e por isso não sabe que precisa” (*Correio Braziliense*) ou “negacionistas” (*Estadão*).

Uma das formas de compreensão e apropriação desse movimento é observar o papel que a memória desempenha como um dos suportes à narrativa. Para pensar memória e história, nos ensina Nora (1993), é preciso pensá-las em oposição. A memória, por fazer parte da vida, dos grupos vivos, deve ser considerada em sua dialética entre lembrança e esquecimento, em sua deformação e possibilidade de manipulação, em sua atualidade e ligação com o eterno presente, nos mesmos termos que encontramos em Ricoeur (1994). Já a história, deve ser entendida como uma “reconstrução problemática e incompleta do que já não existe mais [...] uma representação do passado” (Nora, 1993, p. 9). Seguindo em sua caracterização, o autor também destaca que a memória se nutre de lembranças vagas, particulares ou simbólicas, surge de um grupo, sendo ao mesmo tempo coletiva e individualizada. O chamado acontecimento midiático opera exatamente nessa “interface”, como uma espécie de dispositivo que interpela sujeitos sociais para “preenchimento” dessas lembranças vagas.

O também historiador Pierre Nora, convencido de uma profunda mudança na relação dos franceses com o passado, a Nação e o futuro, com a memória e a identidade da França, formulou a ideia de lugares de memória. Mas, o que são lugares de memória? Ele os define como aqueles nascidos da percepção de que não há memória espontânea, de que é preciso catalogá-la. Para ele, esses lugares são: a) lugares materiais onde a memória social pode ser compreendida através dos sentidos; b) lugares simbólicos, onde a memória (identidade) se apresenta; e c) lugares funcionais, pois têm a função de alicerçar essas memórias. No entanto, tais lugares não são espontâneos, antes, são uma construção cujo interesse que despertam advém de seu valor como reveladores dos processos sociais. O historiador afirma que o que “nós chamamos de memória é, de fato, a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar” (Nora, 1993, p. 15). Nesse sentido, podemos compreender a revolta da Vacina, por exemplo, como um lugar de memória, na medida em que fornece alicerce para determinada memória de um processo de imunização compulsória.

No Brasil, por ocasião da defesa da tese de livre docência de Ecléa Bosi (1979) na Universidade de São Paulo, que dá origem ao livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, sua arguidora, a filósofa Marilena Chauí, destaca que sociedade capitalista, ao destruir os suportes materiais da memória, bloqueia os caminhos da lembrança e apaga seus rastros. A questão que se coloca é se hoje, com a velocidade de transformações da nossa sociedade, é possível que haja caminhos de lembrança? Ao chamar a atenção para o fato de que a memória não é oprimida somente pelo desaparecimento dos suportes materiais, Chauí faz o contraponto e critica a história oficial que ao pisotear a tradição dos vencidos celebra o

trunfo do vencedor. Entretanto, não se trata de um movimento linear e homogêneo, o que nos revela que os modos de lembrar podem ser tanto sociais quanto individuais (Bosi, 1979). Ora, não residiria aí um dos pontos fundamentais para a compreensão de que nem todos os indivíduos responderiam aos estímulos dos meios de comunicação de massa da mesma forma? As construções presentes nos três jornais pesquisados, a partir dessa compreensão, nos mostra que os modos particulares de construções das narrativas devem nos permitir acessar que mecanismos são mobilizados na busca por interpelar os sujeitos, mas jamais oferecer a certeza de como tais constructos serão apropriados.

Antecessora de obra de Nora (1993), Bosi (1979, p. 3) já apontava ser impossível registramos na memória a totalidade dos acontecimentos, pois segundo ela, “lembança puxa lembrança”. O interesse da autora repousa nos acionamentos da memória, naquilo que foi escolhido para perpetuar-se na história, ela não está em busca da “verdade”. Ainda que o objeto da autora não seja o jornal, o jornalismo, podemos dizer que, simultaneamente, nos aproximamos e nos distanciamos dela: ao tomarmos os meios de comunicação de massa como agências, identificamos um movimento que busca construir determinada perspectiva da história; no entanto, ao concebê-los como agentes, com suas estratégias de construir narrativas, alicerçadas numa pseudo-objetividade, a memória também é operada com vistas a produzir a verdade. É interessante observar o quanto determinada apropriação de Bergson por Bosi ajuda a complexificar a relação entre quem narra algo e quem dessa narrativa se apropria.

A leitura feita por Bosi do filósofo francês é fundamental para o desenvolvimento de uma compreensão sobre o lugar da percepção. De acordo com ela, Bergson propõe que as lembranças não se constituem do mesmo modo que as percepções e as ideias. Ele também critica a ideia de um tempo abstrato ou científico – onde os fenômenos acontecem segundo uma ordem imutável, o que permitiria a previsão, o cálculo antecipado dos fenômenos. Foi na esteira dessa compreensão, isto é, de um tempo abstrato ou científico, que boa parte da teoria social se desenvolveu, fornecendo elementos para uma dada compreensão sobre a supremacia dos meios de comunicação na construção da realidade social. Entretanto, essa leitura equivocada e apressada negligenciou o fato de que, se percepções e ideias não do mesmo modo para todas as pessoas, estaria exatamente nessa inflexão a possibilidade de rompimento com uma noção positivista da memória e, por extensão, de indivíduos atomizados e alienados diante da complexidade social. Nessa direção, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (Bosi, 1979, p. 9), o que impede a existência de uma percepção única das coisas ou uma consciência geral e unívoca.

Para a autora, um vir à tona do passado combina-se com o processo da percepção, o que quase sempre faz deslocar as percepções reais dando então à memória a possibilidade

de permitir não só a relação do presente com o passado, mas ao mesmo tempo interferir no processo atual das representações. Como as narrativas são dispositivos estruturais para a construção de representações, especialmente aquelas produzidas e postas em circulação pelos meios massivos, e diante da compreensão de que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (Bosi, 1979, p. 10), o fato ou episódio narrados no tempo presente, como um acontecimento midiático, opera como poderoso dispositivo para definição coletiva de uma lembrança, de como a coisa deveria ser lembrada, permitindo que entendamos “as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência entre memória e percepção” (Bosi, 1979, p. 11).

Após discutir a teoria bergsoniana, Bosi estabelece contrapontos entre esta e o trabalho de Maurice Halbwachs em seus aspectos relacionados a memória, mas desde a compreensão desses contrapontos à realidade brasileira. No prefácio de *A memória coletiva*, Jean Duvignaudz argumenta, ao falar da obra de Halbwachs (2006), que ele apresenta como impossível trabalharmos com o problema “da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de pontos de referência nesta reconstrução que chamamos memória.” (Halbwachs, 2006, p. 9-10). Isso, por um lado, evidencia que a memória é construída pela sociedade; por outro, que tal construção pode nos ajudar a refletir sobre a questão do imaginário. Não nos interessa mais diretamente o debate entre Halbwachs e Bergson sobre se a memória é individual ou coletiva, mas capturar como a leitura feita pelo Ecléa Bosi o promove entre nós. Ainda assim, destacamos que concordamos com o primeiro, para quem a memória é individual na perspectiva de que o sujeito, ao lembrar, ocupa um determinado lugar na sociedade.

O argumento de Halbwachs o aproxima de Ricoeur, e da via de investigação que temos sedimentado, quando ele se interroga e posteriormente argumenta sobre o que “seria desse ‘eu’, senão fizesse parte de uma ‘comunidade afetiva’, de um ‘meio efervescente’, do qual tenta se afetar no momento em que ele se recorda?” (Halbwachs, 2006, p. 14). Segundo ele, a memória do indivíduo depende de seus relacionamentos com os diversos grupos sociais com os quais interage, pois a

rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedade múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação destes diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem (Halbwachs, 2006, p. 14).

Assim, ele destaca também a percepção de que será a vida do sujeito que irá iniciar o curso da memória. Ou, tendo como chave de acesso Ricoeur, que será esse sujeito quem atribuirá sentido a uma obra, ao mundo. Se lembramos, é porque os outros, a situação

presente, nos fazem lembrar. Não menos importante é o destaque que o autor dá a atividade de esquecimento, afirmando que estando dois grupos em contato “o que lhes falta precisamente para se compreenderem, se entenderem e confirmarem mutuamente as lembranças desse passado de vida comum é a faculdade de esquecer as barreiras que os separam no presente” (Halbwachs, 2006, p. 14). Destacamos também a perspectiva de reconstrução do passado. Aqui, é usado como exemplo a releitura que um adulto faz de uma obra lida na infância. O que o autor deseja demonstrar é a impossibilidade de reviver o passado tal qual ele ocorreu, pois “quando queremos lembrar o que aconteceu nos primeiros tempos da infância, confundimos muitas vezes o que se ouviu dizer aos outros com as próprias lembranças” (Bosi, 1979, p. 21-22).

Bosi (1979) ainda adensa a discussão, convocando mais dois teóricos: Charles Barlett e William Stern. Com o primeiro, temos a apropriação do conceito de “convencionalização” para elaborar o processo que conduz à lembrança. Na compreensão da autora, Barlett defende a ideia de que o lembrar está envolto por um contexto cultural e ideológico e que a memória é uma construção social. Em consonância com Halbwachs, as reflexões de Barlett também apontam para a vida atual como característica essencial para o processo de reconstrução do passado. Já com Stern, é possível encontrarmos as ideias de que a memória poderá existir a partir da conservação ou da elaboração do passado e que a função do lembrar será conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. Mas, como pensar esse processo à luz da centralidade ocupada pelos meios de comunicação de massa? Na medida em que, através de suas narrativas, certa leitura, certo enquadramento do passado são oferecidos, como lidar com essa elaboração num quadro em que a conservação parece difícil de se estabelecer? Estaria de fato nessa interseção a potência e a limitação de um fechamento pleno de sentidos, de uma total sutura entre os estímulos produzidas e as apropriações feitas?

Em seu trabalho *Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações*, Barbosa (2017) inicia questionando se “poderíamos afirmar que existe um tempo próprio para se refletir sobre os processos comunicacionais e que poderia ser denominado tempo midiático?” e se “poderíamos também caracterizar esse tempo que emerge das mídias como fluido e volátil, governado pela lógica exponencial da aceleração?” (Barbosa, 2017 p. 19). Essas são questões fundamentais para pensarmos sobre a existência de um tempo midiático, que em aproximação com a noção de acontecimento midiático, poderia vir a representar uma camisa de forças.

Numa clara aproximação com pressupostos ricoeurianos, e diante da aceitação de que o presente tem nele contido operações que tensionam o passado e o futuro, Barbosa

(2017) evidencia que há uma ligação entre o modo como se experimenta o tempo e os formatos das narrativas, sendo que o tempo midiático terá a marca da aceleração e do efêmero. E esse último será o que vai caracterizar o modo como a sociedade se relaciona com aquilo que consome – de modo descartável –, o que vai impactar diretamente na construção simbólico-discursiva dos meios. Importante destacar que nos tempos midiáticos temos não só um presente estendido, o que acaba por incluir o futuro, como também temos um uso exagerado do passado. Com essa perspectiva, a autora observa que, no uso do passado, as narrativas, que já possuem desejo de futuro, são constituídas como arquivos não só da história, mas também para a história. Ela também destaca o fato de que o presente não é unívoco, ele é vivenciado de modo diferente dependendo do lugar que ocupamos no mundo e que a aceleração do presente, onde vive-se como se ele fosse eterno (ou o futuro já estivesse nele contido), transforma o futuro numa ameaça.

Se a presença do modelo descrito acima já era encontrada em outros movimentos de transformação dos dispositivos de comunicação de massa – no Brasil, podemos aqui brevemente registrar as consequências da chegada do rádio para algumas das transformações geradas no jornal impresso; da tv para o rádio e o jornal impresso, da internet para a tv, rádio e jornal impresso, num intervalo de cem anos – é preciso reconhecer que estamos num novo regime de historicidade. Tal como aponta Barbosa (2017), o presentismo suplanta o futurismo, pois o passado se caracteriza por ser demasiadamente lembrado, o futuro por ser percebido como uma ameaça, e por isso negado, e o presente pelo imediatismo e pela ilusão de uma duração interminável. Segundo ela, o presentismo nos meios de comunicação é marcado por um fluxo ininterrupto de informações, principalmente advindas de ambientes on-line, mas não apenas deles, o que gera obstáculos a um tempo para reflexão. Assim, serão as tecnologias de comunicação que funcionarão como modificadoras da experiência temporal cotidiana – como instauradoras do presente contínuo.

Como já apontamos, o tempo midiático será marcado pelo uso exacerbado do passado e a construção de um presente estendido. Também já salientamos que, com relação ao passado, a mídia trabalha construindo narrativas que funcionem como arquivos da e para a história (como uma memória), mas vale destacar que esse trabalho é realizado com um sentido de história onde sua própria narrativa sobre o passado apareça como uma verdade histórica. Ao recuperarmos a dimensão da memória em sua dimensão de história e de verdade, como proposto por Bosi, já não se tornam tão claros os papéis de agência e de agente dos meios. Nesse novo regime, o que observamos é uma superposição de atribuições, cuja identificação

de um ou de outro requer o uso de métodos de investigação e análise cada vez mais interdisciplinares e que tomem os objetos numa perspectiva mais totalizante.

Considerada como fundamental para as análises históricas, a relação entre tempo e narrativa, construída por Paul Ricoeur (1994), determina que a história, ao criar o que ele chama de conectores históricos, torna possível o trânsito em direção ao passado. Considerados como instrumentos de pensamento, os conectores, como o calendário, criam o tempo cronológico a partir de três características:

um acontecimento fundador [...] a partir do qual todos os acontecimentos serão datados; a possibilidade de percorrer o tempo em duas direções (anterior ou posterior), em relação ao marco zero; e o estabelecimento de unidades de medidas que denominam os intervalos constantes (dia, mês e ano) (Barbosa, 2017, p. 31).

Porém, será somente através do ato enunciativo que se determinará se o dia é presente, passado ou futuro, pois todo momento pode ser o marco zero. Assim, parafraseando Barbosa (2017), o tempo também é narrativa, ele “instaura a vida; estabelece a experiência; se realiza pelo ato enunciativo; se torna palpável nas múltiplas configurações narrativas, sendo necessário perceber que o tempo é uma construção com aspectos sociais e culturais. Desse modo, a ideia que temos de tempo será resultante do modo como experimentamos o mundo e essa experiência é o que constituirá a nossa memória. Formada por traços, restos, vestígios, essa memória tem significações e peculiaridades próprias, o que irá permitir que, na contemporaneidade, tenhamos o surgimento de uma cultura memorialística.

Com esse arcabouço, nos parece oportuno retomar Ginzburg (1989) num cenário de mudança do regime de historicidade, principalmente quando este sublinha uma ofensiva cultural da burguesia tendo como poderoso instrumento de aculturação a *Encyclopédie* (Ginzburg, 1989, p. 167). A percepção desse “novo” é abertura para a compreensão de um processo em que ele pressupõe, por um lado, o abandono de uma etapa precedente, de outro, a possibilidade de verificar o que se transforma e o que permanece. Retomemos o debate em torno da vacinação ou não, de crianças entre cinco e 11 anos, objeto central da presente reflexão. Podemos observar a queda de cobertura vacinal por múltiplos aspectos, mas vamos tomá-la a partir da historicidade dos processos comunicacionais. Seria inapropriado apresentarmos uma hipótese que estabelece uma relação entre a procura por vacinas e a centralização ou descentralização dos meios de comunicação de massa como agência de construção de memória e de verdade? Em outros termos, seria possível estabelecer nexos entre, de um lado, uma concentração dos meios massivos de

comunicação na mão de poucos e um alto percentual de imunizados e, de outro, uma multiplicação de polos de emissão e a queda da cobertura vacinal?

Qualquer resposta mais imediata tenderia a ser prematura. Entretanto, nos parece reveladora a posição que resulta da consulta pública (ou da enquete, como qualificada pelo *Estadão*), sobre o apoio à vacinação sem necessidade de receita médica, mas, sem que haja a compulsoriedade da imunização. Hoje, está em vigor a lei que determina que crianças da pré-escola ao ensino fundamental I apresentem carteira com o registro de todas as doses do calendário vacinal. Longe de contestarmos os efeitos positivos, com controle e erradicação de doenças a partir da oferta e consumo de vacinais, nos interrogamos: o que a aceitação da vacina, mas a recusa à sua obrigatoriedade pode nos revelar? As possibilidades de respostas apressadas podem parecer sedutoras, assim como o é a construção do debate a partir de uma polarização entre os entusiastas e os “negacionistas”.

Considerações Finais

Neste trabalho, cujo eixo central é a compreensão do lugar das narrativas dentro do circuito produtivo da comunicação, nos detivemos sobre as construções narrativas observando-as a partir da forma como os meios de comunicação de massa operam em sua capacidade de interpelar sujeitos sociais. Com a aceitação de que a chamada grande mídia é agência e agente central na contemporaneidade, afirmamos que não se trata de construções como outras quaisquer, seja por sua capacidade de organização de conteúdo seja pela de difusão e alcance em larga escala. Foi com essa perspectiva que julgamos ser importante destacar como se estabelecem algumas das relações entre aquilo que os jornais estampam com as noções de memória e tempo concernentes aos processos comunicacionais de produção de sentidos. Com *O Globo*, *Correio Braziliense* e *O Estado de São Paulo* pudemos realizar um duplo movimento: verificar a forma como três grandes empresas de comunicação produzem suas notícias, reportagens, editoriais etc. voltados, principalmente, para três importantes centros culturais, políticos e econômicos; e a longevidade com que realizam tais atividades.

Concomitantemente, na medida em que realizamos a pesquisa e oferecemos nossos resultados e reflexões tendo a Comunicação e Saúde e o SUS como eixos estruturantes, buscamos apresentar elementos que contribuam para o aperfeiçoamento da política pública mais inclusiva e abrangente do mundo. Nesse sentido, buscamos fugir de explicações simplistas ou simplificadoras, haja vista a saúde pública brasileira ser objeto de tantos interesses e tantas disputas, refletidas em lutas sempre assimétricas. É por isso que uma

adesão à vacina ou sua não aceitação não pode merecer respostas tão superficiais. Paralelamente, e essa tem sido uma característica muito particular de nossas pesquisas, tem se mostrado cada mais insuficiente o uso de velhos paradigmas particularmente reducionistas – alguns dos autores mobilizados durante a investigação nos mostram que, diante de problemas cada vez mais complexos, mudanças de perspectivas e de abordagens são mais que necessárias.

É nesse quadro mais amplo que as experiências cotidianas precisam ser observadas à luz dos processos históricos, cujas narrativas e sua relação com o tempo e a memória nos parecem tão importante, especialmente porque são tais experiências que também se converteram em memórias para serem olhadas daqui a alguns anos. Formada por traços, restos, vestígios, essa memória tem significações e peculiaridades próprias, o que irá permitir que, na contemporaneidade, tenhamos, por exemplo, o surgimento de uma cultura memorialística, acentuada pelas formas como as narrativas jornalísticas ou midiáticas se estruturam e convidam os atores sociais a compartilharem os sentidos que põe em circulação. Essa nos parece a visada proposta por Barbosa (2023) ao propor uma compreensão o comunicacional como consequência de produções vinculadas à vida, deixando à história o lugar responsável por possibilitar à comunicação se ocupar dos vínculos humanos e do modo como eles se organizam.

Retornando ao início do texto, temos o ditado lorubá que diz que “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”. Em seu deslocamento não linear, antes tão estranho para nós, Exu nos mostra que o acontecimento e a narrativa se deslocam no tempo atuando não necessariamente de modo linear. Para além disso, se a narrativa é uma forma de configurar a nossa experiência no tempo (Ricoeur, 1994), precisamos ter em mente que o avanço tecnológico, desde o surgimento da escrita até as novas tecnologias de comunicação, vem afetando o modo como percebemos o tempo e, conseqüentemente, o nosso modo de narrar e de lembrar. Isso não é novo, mas nunca foi tão transformador.

A forma como aqui comparece torna pertinente pensar, avaliamos, que o ditado nos apresenta não a ida, mas sim uma volta. Exu age no presente construindo ações do passado, tal como a verdade histórica é construída, atuando decisivamente sobre a memória, sobre o que é lembrado, esquecido ou deliberadamente apagado. Relembrando Ricoeur (1994), sabemos que o tempo humano e o modo narrativo estão articulados e que a narrativa se torna significativa quando apresenta os traços da experiência no tempo. Se estivermos autorizados a compreender a relação memória-tempo-narrativa da maneira como até aqui expusemos, Exu se converte em posição de uma metáfora para as narrativas midiáticas ou jornalísticas.

Como citar este artigo:

ABNT

BORGES, Wilson Couto; BORGES, Vânia Coutinho Quintanilha. Narrativa, tempo e memória: subjetividades sobre vacina e seus efeitos políticos na saúde. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Niterói, v. 16, n. 3, p. 483-504, set.-dez. 2024. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202416309>

APA

Borges, W. C., & Borges, V. C. Q. (2024). Narrativa, tempo e memória: subjetividades sobre vacina e seus efeitos políticos na saúde. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, 16(3), 483-504. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202416309>

Copyright:

Copyright © 2024 Borges, W. C., & Borges, V. C. Q. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2024 Borges, W. C., & Borges, V. C. Q. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Referências

BARBOSA, Marialva Carlos. Comunicação e historicidade do presente. In: SILVA, Juremir Machado da *et al.* (Org.). *Redes de pesquisa: comunicação em perspectiva*. Porto Alegre: Sulina, 2023. p. 151-172.

BARBOSA, Marialva Carlos. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: MUSSE, Cristina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Org.). *Comunicação, mídias e temporalidades*. Salvador: EDUFBA, 2017. p. 19-36.

BARBOSA, Marialva Carlos; RÉGO, Ana Regina. Historicidade e contexto em perspectiva histórica e comunicacional. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 24, n. 3, ID26989 set.-dez. 2017. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2017.3.26989>

BORGES, Wilson Couto. Entre a tipografia e a guilhotina: imaginário, subjetividade e política na investigação de uma conjuntura. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, v. 14, n. 3, p. 384-407, 2022. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202214301>

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança dos velhos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1979.

CARLÓN, Mario. ¿El fin de la invisibilidad de la circulación del sentido en la mediatización contemporánea? / The end of the invisibility of circulation contemporary of meaning? *DeSignis – Mediatizações, Federación Latinoamericana de Semiótica*, n. 37, p. 245-253, jul.-dic. 2022. <http://hdl.handle.net/2133/25266>

FRANÇA, Vera. O acontecimento e a mídia. *Galáxia*, n. 24, p. 10-21, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/12939>. Acesso em: 30 set. 2024.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MACHADO, Izamara B. O Globo e a produção de memórias sobre o Sistema Único de Saúde (SUS). *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 149-170, jul./dez. 2020. <https://doi.org/10.26664/issn.2238-5126.92202011775>

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Proj. História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 30 set. 2024.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. v. 1. Campinas: Papyrus, 1994.